

# Guerra no mundo, reforma monetária, o time no México: é 70, ano do tricampeonato

A torcida era para que tudo não passasse de um dia infeliz dos jornais, em que não faltaram confusões com nomes e fatos. Afinal, logo na manchete, a informação: "Estados Unidos invadem o Camboja". Na página interna, novo espanto: "José Sarney pretende deixar o cargo antes de vencer seu mandato, sem prejuízo de suas obras, depois de ter encontrado um Estado dizimado por anos de corrupção e inépcia". A cidade comentava o trânsito caótico, propondo o esvaziamento dos pneus como forma de punir os infratores. E a economia discutia uma reforma monetária.

Nada disso. O lugar era mesmo o Camboja e não havia confusão com o ataque à Líbia. O administrador que deixaria o governo era o governador do Maranhão e não o presidente. A proposta para resolver os problemas do trânsito, ultrapassada. E a nova moeda nada mais era do que uma reforma monetária de efeito meramente psicológico: o cruzeiro novo passaria a ser apenas cruzeiro. Uma rápida folheada na seção de esportes e a confirmação de que tudo não passou de coincidência. O jornal era de 1970 e a seleção que estrearia na Copa do México também pertencia ao passado: Félix, Carlos Alberto, Brito, Piazza e Everaldo; Clodoaldo, Gérson e Tostão; Jairzinho, Pelé e Rivelino.

E o Brasil de 1970 era muito diferente do de hoje. O País vivia a febre desenvolvimentista, a forte concentração da renda, a guerrilha, a repressão, o ufanismo do "pra frente Brasil", dos 90 milhões em ação. A 1º de maio daquele ano, o presidente Garrastazu Médici anunciaría o salário mínimo: NCr\$ 187,20 (cruzeiros novos), enquanto parlamentares cuidavam de corrigir seu próprio salário para NCr\$ 8.000,00.

O orçamento da União para o ano seguinte indicava NCr\$ 21,8 bilhões, com déficit previsto de NCr\$ 790 milhões, 0,4% do Produto Interno Bruto. Com cifras dessa ordem, causou espanto na época o fato de alguém ter ganho tanto dinheiro dois anos antes, 1968, a ponto de ter que pagar 419 mil cruzeiros novos de Imposto de Renda. Ou que uma empresa, por seu faturamento, tivesse de

recolher aos cofres públicos 18,5 milhões de cruzeiros novos do mesmo tributo.

Com o despertar do consumo e do crédito, os grandes magazines começavam a dominar a cidade, e a Eletro-Radiobras oferecia televisor "com imagem cinematográfica", 23 polegadas, preto e branco (os primeiros televisores em cores deveriam ser colocados no mercado no ano seguinte), por NCr\$ 1.070,00 ou em parcelas iguais de NCr\$ 69,90 mensais. Um Fusca era adquirido por oito prestações de NCr\$ 1.765,00 sem entrada. Mas os de maior poder aquisitivo poderiam optar por um Mustang March I zero, por NCr\$ 72.756,78. E mais: a grande imobiliária da cidade, Clineu Rocha, ocupava as páginas de classificados de **O Estado** para anunciar imóveis como um palacete no Jardim Europa, com quatro dormitórios, ducha e living 10x9x5, por NCr\$ 480.000,00.

No ritmo acelerado de contrastes sociais, nada surpreendente que alguém propusesse, para fugir ao trânsito, a compra de um helicóptero Hughes-300, por 150 mil cruzeiros novos, passando a usar um dos cinco helipontos já homologados da cidade. Evidentemente, essa oferta não se estendia àqueles que mal podiam pagar os 35 centavos por uma passagem de ônibus. Por conta ou não dessas diferenças, os assaltos já eram contabilizados um a um, e no início da Copa do Mundo, em junho, somavam 73 em todo o Estado.

Mas em 1970, a direção do País era a do crescimento do bolo ("para depois dividir") e o ministro do Planejamento, João Paulo dos Reis Veloso, afirmava que o movimento de 1964 havia tornado o Brasil "um país viável", embora 50 mil flagelados iniciassem no Nordeste saques nas capitais, enquanto frentes de trabalho eram abertas para tentar solucionar os problemas dos atingidos pela seca.

E quem não conseguiu chegar às sobras do "bolo" contentava-se com o divertimento barato, assistindo na televisão do vizinho ou da vitrina, da novela do momento ao "Véu de Noiva", seguida da conversa da "namoradinha do Brasil", Regina Duarte, com o ratinho Topo Gigio. De fute-

bol, apenas o descrédito na Seleção que embarcava para o México, apesar da "corrente pra frente". Mas se a "namoradinha" encantava os corações domésticos, era Beto Rockefeller, já transformado em filme, que fazia as cabeças. Nas telas, quando ainda brilhavam Peter Fonda e Dennis Hopper, em "Sem Destino", Luís Gustavo teve que despender imenso esforço para que seu filme fosse liberado pela censura para menores, e só o foi para 14 anos, depois de se cortar a cena em que uma jovem dizia: "Toda mulher casada deve ter um amante, eu terei o meu antes do casamento".

A censura, entretanto, não era infortúnio apenas de pequenos e o próprio ministro da Educação e Cultura, Jarbas Passarinho, teve seu livro "Terra Encharcada" censurado já na terceira edição, por descrever uma cena peculiar e erótica, de dois homossexuais vivendo na floresta amazônica. Mas o pior mesmo estava reservado à imprensa, que no seu dia, 13 de maio, recebia como presente da Câmara dos Deputados a aprovação da instituição da censura prévia. Porém, como tudo era contraste, 12 dias depois, Médici aplaudiria de pé "Vida e Morte Severina", de João Cabral de Melo Neto e Chico Buarque de Holanda. No ano do tricampeonato, entretanto, nem toda diversão ou informação exigia censura, como o inocente tobogã, aquele escorregador gigante que a publicidade vendia como "atração mundial, fantástico, esportivo, emocionante, escorregando da lua", por apenas 50 centavos e muita paciência, depois de duas horas e meia na fila do ingresso. Quem preferisse ficar em casa lendo e não quisesse pagar mais por livro do general Lyra Tavares, recém-admitido na Academia Brasileira de Letras, juntaria mais 50 centavos e poderia comprar, por NCr\$ 1,00, um livro (encalhe) na livraria de Thomas Parrillo, no centro da cidade.

Paralela aos comentários de futebol, a conversa de bar, o milagre da concentração econômica, travava-se uma verdadeira guerra. Depois de 41 dias, encerrava-se uma operação de combate à formação guerrilheira no Vale do Ribeira, ação que se propagaria por cinco Estados para desarticular as bases da Vanguarda Popular Revolucionária. Em pleno grito de gol, nos olhos da população voltados para a tevê, em algum lugar do País forças policiais tentavam reprimir a luta armada e a cada confronto falavam na apreensão de amplo material subversivo em poder dos que haviam caído na clandestinidade. Na outra ponta, aos que se opunham aos rumos adotados, deputados da Arena, o partido do governo, afirmavam que não havia "um só preso político, casado ou não".

Com poderes excepcionais do Executivo, as Assembléias permaneciam fechadas, e, ao mesmo tempo que o presidente falava de futebol — chegou a incluir na Seleção seu preferido, Dario —, escalava com desenvoltura o time de governadores que seriam referendados em seus Estados em outubro, inclusive o da Guanabara, cuja indicação pertencia ao partido que não estava no governo, o MDB.

O mundo discutia o terror e a guerra do Vietnã. Na Argentina, o governo instituía a pena de morte para os seqüestradores do ex-presidente Aramburu, dez países do Hemisfério condenavam o terrorismo como arma política, enquanto a França, também vítima do terror — seus jovens não eram apenas os espectadores do festival de Cannes que exibia "Woodstock", fora de concurso —, acusava os Estados Unidos de terem afastado a possibilidade de uma solução negociada para o Camboja. Israel atacava o Líbano, em represália a ataques a kibutz no norte do país e o presidente norte-americano, Richard Nixon, enviava ao primeiro-ministro soviético, Alexei Kossigin, uma pedra colhida na Lua. Num computador mexicano, o Brasil estava eliminado, depois de partidas simuladas, e o título seria decidido entre Alemanha e Inglaterra. Prova de que nem as máquinas são infalíveis.

Roberto Nascimento  
Especial para "Estado"



Trânsito caótico e guerra no Vietnã, no ano do tri